

Tá REDE!
Nô

Jornal da Rede Jovem de Cidadania



mochila futebol estresse tv histórias carta cinema

Caro leitor,

Olá! Sentiu saudades, né? Mas calma. Nós estamos voltando com todo o gás e energia! Aliás, nosso programa de TV já voltou faz tempo. Ele está indo ao ar desde o início do ano.

Para quem ainda não conhece o nosso trabalho, o projeto Rede Jovem de Cidadania envolve jovens de todas as regiões de BH que trabalham diariamente para criar sua própria mídia, colocando em evidência tudo o que é importante para a juventude.

Este foi um ano de várias novidades. Com muito esforço e muita garra, o projeto se expandiu. Há poucos meses, entrou no ar o Webzine da Rede Jovem de Cidadania (www.aic.org.br/rede/webzine), uma publicação que está arrasando, assim como tudo o que a nossa rede faz. Além disso, o programa de TV aumentou de tamanho, agora tem 30 minutos de duração, e passou a ser transmitido semanalmente pela Rede Minas de Televisão. Fique ligado! Sintonize a nossa rede todo sábado, às duas e meia da tarde!

E como acreditamos que o jovem deve participar ativamente das transformações que rolam na sociedade, estamos cada vez mais envolvidos nas discussões sobre políticas públicas da juventude. Esse assunto já está dando o que falar nos boletins da nossa agência de notícias..

Como a gente se empolga ao falar da Rede Jovem de Cidadania! Mas isso só acontece porque amamos muito esse projeto.

Bom, esperamos que você curta bastante o nosso jornal. E não deixe de participar da nossa rede. Fique ligado e dê o seu recado. Beijos! Tchau!!!

Expediente

Veículos da Rede Jovem de Cidadania: Jomal *Tá na Rede!*, programas televisivos e radiofônicos, *website*, *webzine* e agência de notícias | **Participantes:** 64 jovens que atuam em todo o processo – da concepção à edição | **Equipe técnica:** 20 profissionais (comunicadores e educadores) e 8 estagiários | Conheça todos os integrantes do projeto no *site* www.redejovembh.org.br | **Coordenador da oficina de Jornal:** Leandro Matosinhos | **Jornalista Responsável:** Rafaela Lima | **Projeto gráfico e diagramação:** Leandro Matosinhos e equipe do jornal | **Fotolito e Impressão:** Sempre Serviços Gráficos | **Tiragem:** 30 mil exemplares | Distribuição gratuita nas escolas públicas de Belo Horizonte.

Foto - Leandro Matosinhos



O que você guarda na sua mochila?

Uma mochila é um objeto estranho. Bom, pelo menos, a minha é. Na minha mochila, há lugares onde nenhum homem jamais ousou estar. Lá vivem monstros, papéis amassados, provas com perigosas notas vermelhas, gnomos maus, dragões assassinos e pontas de lápis.

Há também um buraco negro, que fica a uns cinco anos luz dos meus cadernos, por onde somem borrachas, apontadores e viajantes desavisados que nunca mais são vistos.

Nos bolsos de trás, eu guardo todas as tristezas e saudades que tenho. Tristezas, é sempre bom guardar, para rirmos delas nas horas de alegria. As mágoas, eu não guardo. Elas ocupam muito espaço e pesam muito.

Uma vez, briguei com um amigo e guardei a briga, com amigo, raiva e meus livros de química no bolso maior da minha mochila. Não agüentei. Minha mochila pesou tanto que arrebentou a alça e me deixou com dor nas costas e no coração. Tive que fazer uma limpeza geral: tirar o cara de lá, perdoá-lo e guardá-lo de volta no bolso da frente, pois o perdão deixa tudo mais leve e fácil de carregar.

Dentro de uma mochila podem ter coisas boas. Nos bolsos da frente da minha, eu guardo minha família e meus amigos. Guardo alegria também, mas não por muito tempo, porque toda alegria que eu tento guardar acaba caindo do meu bolso e se espalhando por aí.

Todos os livros que eu já li, os livros que eu não li, os livros que eu nem conheço e os que ainda nem foram escritos, todos os lugares que eu já fui, os lugares que eu nem sonho que existem e os lugares que só em sonho eu posso visitar, todas as pessoas que já passaram pela minha vida e aquelas que ainda vão passar, tudo o que eu já vivi e vou viver; tudo isso eu guardo na minha mochila.

E você, o que guarda na sua mochila?

Quem disse que menino não chora e menina não joga bola?

A seleção brasileira entrou em campo para disputar uma medalha olímpica. Mas, dessa vez, não tinha Ronaldo e sim Cristiane. Era o futebol feminino que, em sua terceira participação em Olimpíadas, buscava garantir a medalha de ouro.

O jogo estava disputado. Foi decidido na morte súbita. As jogadoras dos Estados Unidos fizeram o gol que pôs fim ao sonho dourado das meninas do Brasil. Nossa seleção voltou para casa com a medalha de prata. Um resultado que merece ser aplaudido,

pois o futebol feminino não é um esporte muito popular em nosso país.

Uma das motivações das atletas que jogaram em Atenas foi divulgar e incentivar a prática desse esporte no Brasil. Hoje, há milhares de meninas que têm o sonho que, antes, era só dos meninos: “ser jogador de futebol”. Mas muitas acabam desistindo, pois sofrem com o preconceito e não encontram muitas oportunidades para se tornarem jogadoras profissionais.

Em outros países, como é o caso da Inglaterra,

o futebol feminino é destaque. Lá, as mulheres são incentivadas a se dedicarem a esse esporte. Já no Brasil, a situação é diferente. Falta incentivo. Mesmo assim, há muitas meninas disputando torneios amadores e treinando em campos de várzea para obter seu lugar ao sol.

Priscila é uma delas. Com apenas 13 anos, sonha ser jogadora profissional. Ela faz parte de um time amador que participa dos poucos torneios existentes. Desde pequena, joga futebol e recebe o apoio da família.

Quando seu time se sai bem em uma partida disputada contra uma equipe masculina, Priscila diz que “os meninos vêm aquilo como a morte. Uma humilhação”. Mas ela não acha isso certo. “Estamos jogando de igual para igual”.

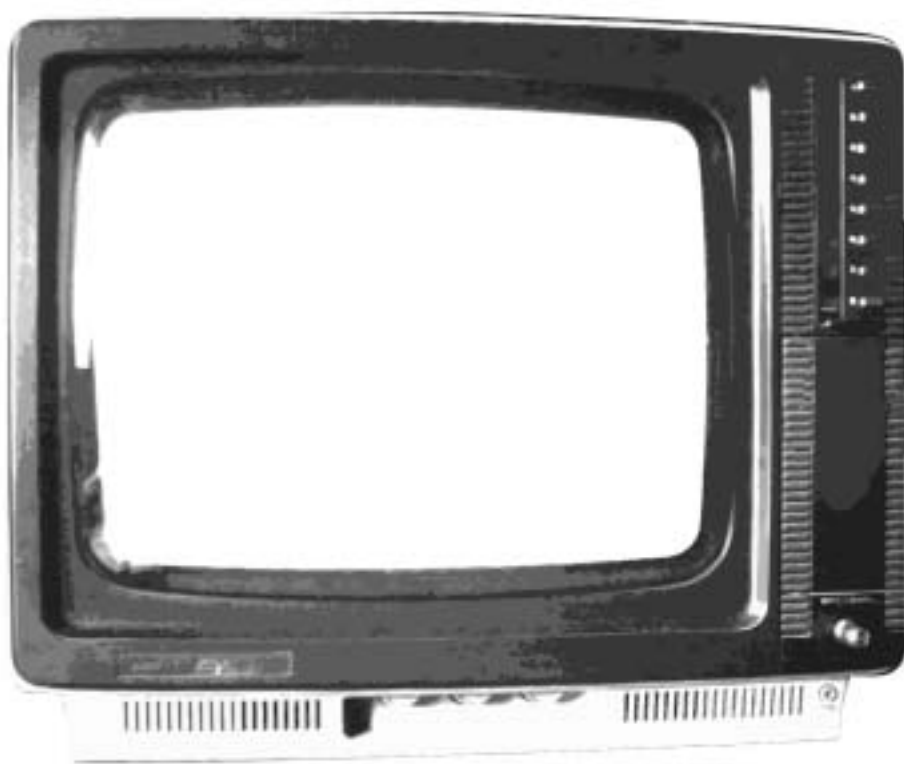
E, jogando de igual para igual, várias meninas quebram barreiras e buscam seus sonhos. É por isso que já passa da hora de acabar com a história de que “menino não chora e menina não joga bola”. Precisamos dar mais atenção ao futebol feminino e reconhecer o talento de nossas meninas.

Charlene Duarte de Souza



Foto - Gustavo Souza Dutra

Foto - Gustavo Souza Dutra



Pessoas xingando umas às outras. Bate-boca. Insultos. Fofocas da vida das “celebridades” que surgem da noite pro dia. Cenas de violência. Frases preconceituosas. Supervalorização do consumo. Tudo isso constitui grande parte da programação da nossa TV.

E foi justamente para tentar reverter esse quadro que a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados e diversas entidades da sociedade civil criaram a campanha “Quem Financia a Baixaria É Contra a Cidadania”. A iniciativa busca denunciar a baixa qualidade de boa parte dos programas veiculados pelas emissoras brasileiras.

No dia 17 de outubro, um debate sobre a democratização da televisão foi transmitido ao vivo por um conjunto de emissoras públicas, estatais, legislativas, comunitárias e universitárias espalhadas por todo o país. Durante uma hora, vários convidados discutiram caminhos para a criação de uma TV que promova efetivamente a construção de uma sociedade mais ética.

Nós, da Rede Jovem de Cidadania, marcamos presença nesse debate e relatamos, ao vivo, nossa experiência de fazer uma rede de comunicação que tem a cara da juventude. Entre outras atividades, nós produzimos semanalmente um programa de TV

que vai ao ar aos sábados, às 14:30h, na Rede Minas de Televisão.

Após o debate, os telespectadores brasileiros foram convidados a deixar seus televisores desligados durante uma hora. Esse foi um manifesto simbólico contra as baixarias que são transmitidas pela TV.

É importante que todos nós estejamos empenhados em avaliar a qualidade do que é transmitido pelas emissoras. Esse meio de comunicação é nosso! O ar por onde trafegam as ondas de rádio e TV é um bem público, ou seja, pertence a todos nós. Uma emissora comercial apenas recebe do governo uma concessão temporária para transmitir seus programas.

Ela não é a dona daquele ar por onde trafegam suas ondas.

É por esse motivo que o professor da USP, Laurindo Leal Filho, um dos participantes do debate, afirmou que os “concessionários recebem algo que é público e não podem usar isso apenas para interesses privados. Eles têm que prestar um serviço público e a sociedade tem que exigir isso”.

A psicanalista Maria Rita Kehl, outra participante do debate de 17 de outubro, ressaltou que a sociedade brasileira deveria questionar mais o que é exibido pela televisão. Os telespectadores deveriam “exigir que a discussão das renovações de

concessões fosse pública”. No momento de se renovar a concessão de uma determinada emissora de TV, seria importante haver “uma pressão sobre os parlamentares para que eles levassem a sério o exame do que fez aquela emissora: se ela cumpriu as responsabilidades previstas pela Constituição e se vale a pena renovar ou não”.

Todos nós temos o dever de exigir que as emissoras de TV promovam a construção de uma sociedade mais justa. Por isso, leitor, se ligue! Não fique aí parado vendo o que os outros querem que você veja. Entre no site www.eticanatv.org.br e denuncie a baixaria.

Pablo Márcio Abranches Derça

Era uma vez...



Ilustração -
Natalia Silva Santiago

Quem nunca ouviu essa expressão? Quem nunca escutou uma historinha na escola, ou na casa da avó, ou na hora de dormir? Provavelmente você já passou noites em claro com medo de fantasmas, bruxas e lobos maus. Já torceu por princesas e seus príncipes encantados, perdeu o fôlego em batalhas e respirou aliviado com os finais felizes para sempre.

Mas você acha que tudo isso é coisa de criança? Então você não conhece os contadores de histórias.

Evandro Nunes é um deles. Para ele, sua profissão é algo simplesmente extraordinário: “quando penso em contar histórias, penso em resgatar contos perdidos”.

Gislayne Avelar Matos, também contadora de histórias, acha que é preciso resgatar mais do que contos esquecidos. De acordo com ela, através das histórias podemos trazer de volta alguns valores que estão se perdendo nos dias de hoje, como bondade e solidariedade.

Gislayne lembra como começou seu interesse por histórias. “Eu cresci na roça e, no fim da tarde, meu avô juntava adultos e crianças em volta do fogão para contar casos de assombração”. Evandro lamenta que, atualmente, situações como essa não sejam frequentes. “Hoje, a gente não ouve mais histórias e, sim, assiste televisão”.

Cláudio Emanuel dos Santos é professor e também adora contar histórias. Ele acredita que, fazendo isso, estimula a imaginação

de pessoas de qualquer idade: adultos, crianças e jovens. Para ele, “uma pessoa que tem a imaginação estimulada pode enfrentar a realidade mais facilmente”.

Se, depois de ler tudo isso, você ainda acha que história é coisa de criança, talvez você tenha alguma razão... Escutar histórias é voltar à infância esquecida. E é justamente por isso que devemos escutar mais e mais histórias. Enquanto escutarmos histórias, seremos crianças e viveremos felizes para sempre...

Mariana Martins Rodrigues e
Stephanie Adriane Figueiredo Silva

Numa cidade chamada BELO HORIZONTE

...Existe um lugar muito especial. Quer saber qual? É o bairro Alto Vera Cruz. Sabe por quê? Porque lá existe muita coisa boa. Quer saber que coisas são essas? Então, vem comigo!

Se você vier a Belo Horizonte de trem ou metrô, assim que chegar à cidade, verá uma linda praça. É a Praça da Estação. Nela, há duas lindas fontes e uma bela estátua.

Logo que descer, você estará diante do ponto do ônibus 9407. É ele que vai te levar àquele lugar tão bacana.

Depois de pegar o ônibus e seguir rumo ao bairro, você terá de aguardar uns 30 minutinhos. Quando passar esse tempo e você avistar uma igreja, pode dar o sinal para descer. Ela é a Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida, que fica na rua Leopoldo Gomes. É a partir daí que você irá descobrir as belezas do Alto Vera Cruz.

Na igreja, acontecem vários eventos que contam com a participação de moradores. Geralmente são feitas festas nas quais arrecada-se dinheiro para a

compra de cestas básicas que, depois, são doadas a famílias que passam por dificuldades financeiras.

Não muito longe dali, fica a Escola Municipal Israel Pinheiro. Lá, os moradores do bairro podem participar de cursos de informática, artesanato, culinária e muitos outros.

Nossa! Se eu continuar falando do meu bairro, vou escrever um caderno inteiro, porque ainda tem muita coisa legal. O Centro Cultural disponibiliza cursos e uma biblioteca à população. O Núcleo de Apoio

à Família (NAF) encaminha jovens para o mercado de trabalho (inclusive adolescentes que apresentam alguma deficiência física). E as Meninas de Sinhá fazem apresentações pelo bairro, resgatando cantigas antigas. O grupo é formado por senhoras que se livraram da depressão através de atividades como ioga e canto.

É tanta coisa! Só vindo conhecer para entender o que eu estou falando.

Agora, diz pra mim: é ou não é um lugar especial para se viver?

Kelly Cristina da Silva

NAVEGUE

www.aic.org.br/rede/webzine

Uma carta de Beat

Em uma sexta-feira à noite, eu, minha irmã Larissa e minha mãe estávamos deitadas na cama, assistindo televisão. Foi então que Larissa começou a ler uma carta que havia sido enviada por Beat, um amigo que estava preso. Na carta, ele contava que sempre assistia ao programa de TV da Rede Jovem de Cidadania e que, um dia, viu na tela uma menina que se parecia muito comigo.

Respondi à carta dizendo que eu era mesmo aquela menina do programa de TV e aproveitei para explicar detalhes sobre o projeto Rede Jovem de Cidadania. Alguns dias depois, recebi uma carta de Beat sugerindo que fizéssemos um programa sobre o racismo no Brasil.

Os correspondentes da Rede Jovem de Cidadania gostaram da sugestão e decidiram realizar várias matérias sobre o tema proposto. Para fazer uma dessas reportagens, fomos à Casa de Detenção Dutra Ladeira gravar uma entrevista com Beat.

Chegando à penitenciária, resolvemos não entrar nas celas para que nossa equipe não passasse pelo constrangimento de ser revistada pelos carcereiros. Optamos por fazer a entrevista em uma sala da direção do presídio.

Quando Beat chegou à sala, ele estava algemado, com os cabelos grisalhos, envelhecido. Bem diferente de como o vi pela última vez. Confesso que fiquei muito triste ao vê-lo naquela situação. Porém, apesar de tudo, era bom reencontrá-lo.

Durante a entrevista, só conversamos sobre questões relativas ao preconceito racial. Não queríamos mostrar no programa de TV a história pessoal de Beat. Nosso único interesse era saber o que ele tinha a dizer sobre o tema que havia sugerido.

Ao falar para a câmera, a euforia de Beat era enorme. Percebi que ele queria muito desabafar. Acho que aquela era uma tentativa de ser ouvido por pessoas que não estavam presas. Ter sua opinião transmitida por um programa de TV dava a ele uma sensação de liberdade.

Quando a entrevista chegou ao fim, um policial chamou Beat, pôs algemas em seus punhos e o levou de volta para dentro da prisão.

Naquele dia, voltei para casa lembrando-me de um olhar triste se despedindo da gente e de uma voz familiar dizendo: “Nossa, Laiara! Como você cresceu!”

Laiara Borges

Ei, você quer se divertir, mas está sem grana?

Então, fique ligado nos espaços culturais onde você pode assistir a bons filmes sem gastar nem um centavo.

O Centro de Referência Audiovisual da Prefeitura de BH (CRAV) promove várias mostras na cidade. Boas oportunidades para quem quer assistir a filmes não comerciais de diversos países do mundo, inclusive produções de Belo Horizonte. Ligue para os locais onde as exibições acontecem e fique por dentro da programação.

- ✓ **Centro Cultural Alto Vera Cruz**
Rua Padre Júlio Maria, 1577 – Alto Vera Cruz
Ônibus: 9407 e 9503.
Tel.: (31) 3277-5612
- ✓ **Centro Cultural da Pampulha**
Rua Expedicionário Paulo de Souza, 185 – Urca
Ônibus: 4403 A, 4408, 4410, S51, S52 e S53.
Tel.: (31) 3277-9292
- ✓ **Centro Cultural Inter-regional Lagoa do Nado**
Rua Ministro Hermenegildo de Barros, 904 – Itapoã
Ônibus: Todos que passam pela Av. Pedro I.
Tel.: (31) 3277-7420 / 3277-7321

- ✓ **Centro Cultural São Bernardo**
Rua Edina Quintel, 320 – São Bernardo
Ônibus: 2402 A
Tel.: (31) 3277-7416
- ✓ **Centro de Cultura Belo Horizonte**
Rua da Bahia, 1149 – Centro
Tel.: (31) 3277-4607
- ✓ **Espaço Cultural Liberalino Alves de Oliveira**
Rua Araribá, 975 – São Cristóvão
Ônibus: 4106 e 9402.
Tel.: 3277-6077
- ✓ **Espaço Cultural Conjunto Zilah Spósito**
Rua Carnaúba, 286 – Jaqueline
Ônibus: 5534
Tel.: (31) 3277-5498

Texto - Aline Apêlia de Oliveira Resende
Ilustração - Mariana Martins Rodrigues



Realização



Associação Imagem Comunitária

Patrocínio



DESENVOLVIMENTO COM CIDADANIA



Apoio

